



**SUPERINTENDÊNCIA  
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

[www.suframa.gov.br](http://www.suframa.gov.br)

# **Clipping Local e Nacional On-line**

**Nesta edição 11 matérias**

**Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM**

**Manaus, terça-feira, 15 de março de 2011**

<b>DIÁRIO DO AMAZONAS</b> PIM se adapta para evitar falta de insumos japoneses .....	1
VEICULAÇÃO LOCAL	
<b>O ESTADO DE SÃO PAULO</b> Indústria continuará a crescer em ritmo menor, prevê CNI .....	2
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>O ESTADO DE SÃO PAULO</b> Analistas criticam ação do BC contra a inflação .....	3
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>VALOR ECONÔMICO</b> INDÚSTRIA REDUZ ATIVIDADE EM JANEIRO, MOSTRA PESQUISA .....	4
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>VALOR ECONÔMICO</b> SUPERÁVIT COMERCIAL DO ANO CRESCE 211% .....	5
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>O GLOBO</b> Faturamento da indústria cai, mas emprego sobe .....	6
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>O GLOBO</b> Economistas voltam a elevar previsão de inflação .....	7
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>PORTAL DA AMAZÔNIA</b> Amazonas registra crescimento de 13,8% do PIB em 2010 .....	8
AMAZONAS VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>PORTO GENTE</b> Repartindo o bolo .....	9
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>VALOR</b> As promessas da economia verde na Amazônia .....	10
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>BRASIL ECONÔMICO-SP</b> BALANÇA COMERCIAL ACUMULA SUPERÁVIT DE US\$ 2,463 BILHÕES ATÉ MARÇO .....	12
VEICULAÇÃO NACIONAL	

	VEÍCULO DIÁRIO DO <b>AMAZONAS</b>	EDITORIA	
	TÍTULO <b>PIM se adapta para evitar falta de insumos japoneses</b>		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO LOCAL

**Terceiro fornecedor da indústria local, Japão sofre com tragédia e falta de energia após o terremoto e o tsunami que atingiu o país. Empresas tiveram que paralisar as atividades.**

[ i ] Empresas de eletroeletrônicos instaladas em **Manaus** importam componentes do Japão, País que enfrenta os impactos da tragédia. Foto: Jair Araújo

**Manaus** - Os impactos do fornecimento de componentes japoneses para o Polo Industrial de **Manaus (PIM)** vai exigir a adaptação das empresas locais para **importar** insumos de outros países e evitar os possíveis atrasos provocados pela catástrofe que abala aquele País.

Atualmente, o Japão é o terceiro maior **exportador** de insumos para o **PIM**. Só no primeiro bimestre deste ano, foram **importados** daquele país US\$ 233,5 milhões, segundo os dados do **Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic)**.

Com a falta de energia e o perigo de novos terremotos, muitas empresas japonesas tiveram que paralisar suas atividades, entre elas, a Sony Corporation, que teve que encerrar a **produção** em seis fábricas nas cidades de Miyagi e Fukushima.

Para o presidente do Centro da Indústria do Estado do **Amazonas (Cieam)**, Maurício Loureiro, algumas fábricas que **importam** insumos do Japão podem obter os mesmos componentes em outras regiões para suprir as necessidades.

“A Panasonic e a Sony, por exemplo, possuem fábricas em outros países”, observa.

Em **Manaus**, a Sony produz toda a linha de televisores e aparelhos de áudio destinados ao **mercado** nacional. A Sony da **Amazônia** informou, através de sua assessoria, que “a empresa ainda está avaliando os potenciais impactos na cadeia produtiva”, mas que em uma primeira análise, não haverá danos à **produção**. A empresa está estudando a situação e deve emitir um comunicado oficial sobre o assunto em alguns dias.

A Moto Honda da **Amazônia**, que tem sua matriz em Tóquio e é a maior fábrica do **PIM**, afirmou através da assessoria de comunicação, que a planta brasileira possui 96% de nacionalização, com o apoio de 38 fábricas componentistas instaladas em **Manaus**. De acordo com a empresa, a **produção** de **Manaus** independe de insumos japoneses e um impacto na **produção regional** foi descartado.

Para Loureiro, os incidentes no Japão não devem causar impacto na **produção** em **Manaus**, pois as áreas mais afetadas são produtoras de insumos agrícolas e não industriais. “Em princípio não se vislumbram maiores problemas por conta disso”.

De acordo com o presidente do Sindicato das Indústrias de Aparelhos Elétricos, Eletrônicos e Similares do Estado do **Amazonas (Sinaees)**, Wilson Périco, levantamentos iniciais sobre a situação mostram que o **PIM** não deve ser afetado. “Estivemos em contato com transportadoras e sabemos que não deve haver grande impacto no que está previsto para sair de lá. Neste momento temos que nos solidarizar com a comunidade japonesa e torcer para que eles consigam se recuperar o mais rápido”, afirma.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Indústria continuará a crescer em ritmo menor, prevê CNI</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

#### EDUARDO RODRIGUES - Agencia Estado

**BRASÍLIA - A diminuição do ritmo de crescimento da indústria no início de 2011, comparado ao verificado ao longo de 2010, deve continuar durante o ano. A avaliação é do gerente-executivo de Política Econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castelo Branco. "A atividade industrial começou o ano de 2011 crescendo e a comparação com 2010 é positiva, mas o ritmo de crescimento é muito menor do que o que vinha sendo observado anteriormente", afirmou o economista.**

Castelo Branco disse que os primeiros meses do ano normalmente têm atividade mais moderada, mas no decorrer do ano as taxas de crescimento devem continuar baixas em relação ao ano passado porque a base de comparação é alta. No início de 2010, por exemplo, ainda estavam em vigor parte dos incentivos tributários concedidos pelo governo durante a crise.

"Além disso, o quadro macroeconômico é menos favorável. Internamente, temos o aumento dos juros e as medidas de restrição ao crédito, enquanto a economia mundial ainda não se recuperou e volta a enfrentar

problemas, como a crise política dos países árabes e o terremoto no Japão", completou.

Hoje, a CNI informou que a Utilização da Capacidade Instalada (UCI) na indústria recuperou-se da queda registrada em dezembro do ano passado e aumentou 0,2 ponto percentual, para 82,6% em janeiro. Na comparação com janeiro do ano passado, a utilização do parque instalado aumentou 1,4 ponto percentual.

Já o faturamento real da indústria recuou 1,3% em janeiro, na comparação com o último mês de 2010 (dados dessazonalizados). Apesar de essa ser a segunda queda consecutiva, na comparação mensal, o faturamento da indústria ficou 7,9% acima do patamar registrado em janeiro do ano passado.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Analistas criticam ação do BC contra a inflação</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**Em encontro com Tombini, profissionais do mercado questionaram se o governo estava realmente perseguindo a meta inflacionário deste ano**

**Francisco Carlos de Assis - O Estado de S.Paulo**

A primeira reunião da nova diretoria do Banco Central (BC) com analistas de mercado foi marcada por alertas sobre a inflação. O presidente do BC, Alexandre Tombini, e sua equipe pouco falaram durante os encontros.

Nos três encontros realizados ontem em São Paulo, o recado dado aos diretores, segundo uma fonte que participou da reunião, é o que o BC está "pisando em gelo fino" ao avaliar que a inflação deverá voltar para o centro da meta, especialmente em 2012. A avaliação que a inflação deveria cair e convergir para a meta apareceu na última Ata do Copom (Comitê de Política Monetária), divulgada na semana passada.

As reuniões com os analistas de bancos e consultorias, como as que foram realizadas ontem, ajudam o BC a elaborar o Relatório Trimestral de Inflação (TRI). O próximo documento deverá ser divulgado dia 30.

A maioria dos presentes à reunião pelo lado do mercado - entre 20 e 25 analistas - , concorda que o Produto Interno Bruto (**PIB**) deste ano deverá crescer de 4% a 4,5%, ante 7,5% em 2010. Mas todos se mostraram pessimistas com relação à inflação, principalmente por causa da pressão dos preços no atacado. "O recado que demos aos diretores é o que o BC está pisando em gelo fino ao avaliar que a inflação deverá voltar para o centro da meta", disse um economista que participou da reunião.

Segundo esse economista, os analistas disseram ainda para os representantes do BC que no próximo ano o salário mínimo terá um ajuste de 7,5% acima da inflação, o que não ajuda no controle dos preços.

Divergência. Em um dos encontros, houve um momento de tensão quando um dos presentes questionou se o Banco

Central havia mudado o sistema de metas de inflação, já que o BC tem sinalizado como horizonte de convergência o ano de 2012 - quando a meta de inflação foi criada para ser cumprida dentro do ano calendário. Diante da provocação, o representante do BC respondeu que nenhum deles estava ali para emitir pareceres, mas para ouvir os analistas.

"Foi uma reunião muito diferente das que eram presididas pelo ex-presidente do BC Henrique Meirelles", disse uma das fontes. Na época de Meirelles, o diretor de plantão fazia um retrospecto da reunião anterior e confrontava o que os economistas disseram no encontro anterior com a realidade atual da economia. "Desta vez nem isso teve", afirmou a fonte consultada.

Pelo BC, participaram o presidente Alexandre Tombini e os diretores de Política Econômica, Carlos Hamilton Vasconcelos Araújo; de Política Monetária, Aldo Mendes; e de Assuntos Internacionais, Luiz Awazu Pereira. "Eles falaram praticamente nada", disse uma fonte. Segundo esse profissional, Tombini iniciou a reunião afirmando que estava ali acompanhado de seus diretores só para ouvir as avaliações do mercado sobre o quadro econômico e não se pronunciariam.

Os analistas também levantaram a dúvida se está ocorrendo uma desaceleração da indústria ou um esgotamento da capacidade de produção. A estabilidade nos resultados da indústria - em janeiro a produção cresceu 0,2% em relação a dezembro e 2,5% na comparação com janeiro de 2010 - pode não significar desaquecimento da atividade, mas que o setor não tem mais por onde crescer, disse uma fonte.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>INDÚSTRIA REDUZ ATIVIDADE EM JANEIRO, MOSTRA PESQUISA</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**Luciana Otoni | De Brasília**

**O setor industrial reduziu o ritmo de atividade em janeiro em clara sinalização de adequação da produção ao menor ritmo de expansão da economia e às medidas de contenção da demanda.**

No indicador dessazonalizado da comparação de janeiro com dezembro, o faturamento recuou 1,3%, correspondendo à segunda queda consecutiva. As horas trabalhadas e o emprego registraram ligeiras altas de 0,6% e 0,2%, respectivamente. O uso da capacidade instalada manteve-se em nível relativamente elevado, atingindo 82,6%, com acréscimo de 0,2 ponto percentual frente ao mês anterior.

Em relação a janeiro de 2010, as variações são maiores. Os aumentos foram de 7,9% no faturamento, de 3,7% nas horas trabalhadas, de 4,8% no emprego e de 4% da massa salarial.

Ainda assim, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) avalia que essas taxas não se manterão e que a tendência é de resultados mais modestos. Um dos motivos é que os resultados mensais de 2011 passarão a ser comparados com bases elevadas de crescimento que caracterizaram o ano anterior.

Além desse fator, a CNI aponta que as medidas adotadas pelo governo para frear o ritmo de expansão do Produto Interno Bruto (**PIB**) gerarão desdobramentos sobre a demanda e conseqüentemente sobre a produção industrial. Adicionalmente, há maiores incertezas no cenário internacional, maior volatilidade no câmbio e concorrência acirrada com manufaturados importados.

"Prevemos ritmo mais modesto de crescimento em 2011. Ao longo do ano pode haver oscilações e, em alguns momentos, teremos dados negativos. Isso não ocorrerá de forma ampla, mas aquele ambiente de expansão generalizada que predominou em 2010 não se manterá.

Neste ano temos elevação juros, valorização do real, mudança no mercado de crédito e maiores oscilações na economia mundial. Esses fatores criam um ambiente mais adverso", comenta o gerente da Unidade de Política Econômica da CNI, Flávio Castelo Branco.

Apesar disso, o economista reitera que o mercado interno continuará dinâmico e sustentará os resultados esperados para este ano. Depois da expressiva alta de 10,1% do **PIB** da indústria no ano passado, a CNI projeta para 2011 elevação de 4,5% para o setor industrial, sendo 4% para a indústria da transformação.

Essas estimativas serão ajustadas após os resultados do primeiro trimestre.

Nesse cenário, o setor industrial continuará contratando, mas as admissões serão em ritmo inferior ao verificado em 2010. Com a ligeira alta de 0,2% nas contratações em janeiro, o setor industrial completou 18 meses seguidos de ampliação, com exceção apenas em outubro do ano passado.

Para a CNI, a permanência do uso da capacidade instalada em nível elevado não é fator de pressão de preços. "Estamos longe de dizer que capacidade está plenamente exaurida", afirma Flávio Castelo Branco.

O economista argumenta que as maiores fontes de pressão inflacionária estão concentradas nos preços internacionais e no setor serviços e que na indústria a maior ocupação no parque fabril está sendo motivo para a realização de investimentos.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>SUPERÁVIT COMERCIAL DO ANO CRESCE 211%</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

### De São Paulo

As duas primeiras semanas de março registraram saldo positivo na balança comercial de US\$ 841 milhões, com média diária (US\$ 120,1 milhões) 310,6% maior do que o registrado no mesmo mês do ano passado e o dobro de fevereiro. As **exportações** totalizaram US\$ 6,477 bilhões, com média diária de US\$ 925,3 milhões. Já as **importações** somaram US\$ 5,636 bilhões, com um resultado médio diário de US\$ 805,1 milhões.

No acumulado do ano, o superavit da balança comercial chega a US\$ 2,463 bilhões, com média diária de US\$ 51,3 milhões. O resultado é 211% maior que o verificado no mesmo período do ano passado. As **exportações** alcançaram nesse intervalo US\$ 38,424 bilhões e as **importações** atingiram US\$ 35,961 bilhões.

Estudo divulgado ontem pela Organização Mundial do **Comércio** (OMC) mostra que, entre um grupo de economias avaliadas, o **Brasil** teve o maior crescimento das **exportações**. Levando em consideração o último trimestre (outubro a dezembro) de 2010, as vendas brasileiras ao **mercado**

externo cresceram 38% na comparação com o mesmo período de 2009, enquanto a média mundial ficou em 17%.

A expansão brasileira superou o crescimento das **exportações** indianas (28%) e chinesas (25%). Na sequência, os países que aparecem no estudo da OMC são o Japão (19%), os Estados Unidos (18%) e a Rússia (18%). Entre as regiões, as Américas do Sul e Central apresentaram maior crescimento (25%), acompanhada da Ásia (23%), da África e Oriente Médio (21%) e da América do Norte (18%).

Na comparação entre o quarto trimestre e o terceiro trimestre de 2010, as **exportações** indianas foram as que mais cresceram (16%), seguidas pelas vendas russas (15%), enquanto, no mundo, esta taxa de crescimento foi de 9% no período. Nas **importações**, o **Brasil** também teve a maior expansão na comparação entre o quarto trimestre deste ano com o mesmo período do ano passado (34%). Na média mundial, esse índice foi de 17%. (Agências noticiosas)

	VEÍCULO O GLOBO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Faturamento da indústria cai, mas emprego sobe</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**CNI: utilização da capacidade instalada também cresceu**

### Martha Beck e Vivian Oswald

BRASÍLIA. A indústria de transformação começou 2011 com crescimento moderado. Segundo pesquisa divulgada ontem pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), de um total de cinco indicadores analisados, dois registraram queda em janeiro: faturamento e massa salarial. O primeiro teve redução de 1,3% quando comparado com dezembro de 2010. Já o segundo caiu 15% no mesmo período devido a um comportamento sazonal. Isso porque dezembro costuma ser um mês em que as empresas pagam o décimo terceiro salário e horas extras.

Por sua vez, as horas trabalhadas na **produção** subiram 0,6% e o emprego, 0,2% em janeiro. O índice de utilização da capacidade instalada (UCI) cresceu 0,2 ponto percentual, passando de 82,4% para 82,6%.

Segundo o economista-chefe da CNI, Flávio Castelo Branco, o resultado de janeiro reflete um comportamento que já vinha sendo observado no segundo semestre do ano passado. Ele destacou que uma possível explicação é a forte entrada de produtos **importados** no Brasil, que tomam espaço dos nacionais:

- É possível que isso esteja refletindo um maior conteúdo **importado** dentro dos conteúdos nacionais. É uma situação que preocupa.

Segundo Castelo Branco, o aumento da utilização da capacidade instalada ainda não é preocupante do ponto de vista inflacionário. Isso porque as empresas ainda têm espaço para crescer sua **produção** e atender ao **mercado** doméstico sem prejudicar relação entre oferta e demanda:

- Pode haver pressões inflacionárias se você tiver incapacidade de aumentar a **produção**. Na verdade, a indústria trabalhou em 2007 e 2008 com níveis elevados de uso da capacidade, num percentual próximo a 83%, que é a média atual. Se você olhar para a evolução dos preços, os industriais têm tido comportamento favorável, abaixo do centro da meta.

### Saldo da balança comercial

#### está positivo em março

Nas duas primeiras semanas de março, a balança comercial teve saldo positivo de US\$841 milhões, puxado pelos embarques de minério de ferro e de soja. Ou seja, o país exportou mais do que importou US\$120,1 milhões por dia no período. A marca é 310,6% acima do valor registrado nas duas semanas de março do ano passado e 100,4% superior ao resultado médio diário de fevereiro de 2011 (US\$60 milhões). Nos sete dias úteis de março, as **exportações** chegaram a US\$6,477 bilhões, com média diária de US\$925,3 milhões. Já as **importações** foram de US\$5,636 bilhões, com um resultado médio diário de US\$805,1 milhões. No ano, o saldo acumulado da balança é de US\$2,463 bilhões.

	VEÍCULO O GLOBO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Economistas voltam a elevar previsão de inflação</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**Após BC deixar claro que não vai acelerar alta dos juros, analistas pioram projeções para o IPCA para 5,82% este ano**

**Patrícia Duarte**

BRASÍLIA. O mercado já começou a ajustar suas projeções após a publicação da última ata do Comitê de Política Monetária (Copom), na quinta-feira. De acordo com a pesquisa Focus do Banco Central (BC), divulgada ontem e com dados coletados até sexta-feira, os economistas pioraram as contas sobre a inflação este ano, de 5,78% para 5,82% pelo IPCA, depois de tê-las reduzido na semana anterior. Para 2012, no entanto, as estimativas foram mantidas em 4,80%, embora ainda acima do centro da meta do governo, que é de 4,5%.

Por enquanto, o mercado manteve os cálculos sobre a taxa básica de juros, a Selic - hoje em 11,75% ao ano -, em 12,50% no fim de 2010, com mais uma alta de meio ponto em abril e outra de 0,25 ponto percentual em junho, quando o Copom volta a se reunir. Para 2012, as projeções continuaram em 11,25%.

Mas esses números podem mudar, porque a ata do Copom deixou claro que o BC não deve acelerar o passo da política monetária por meio de novas doses de juros, mas sim com outras medidas macroprudenciais. Em dezembro passado, por exemplo, o BC encareceu e limitou o crédito de longo prazo voltado para consumo de bens duráveis, o que ajuda a reduzir a demanda e, conseqüentemente, a pressão sobre os preços.

Especialistas já esperam só mais uma elevação da Selic

Por isso, já existem especialistas que preveem apenas mais uma alta de 0,5 ponto na taxa, em abril, repetindo os movimentos de janeiro e de março. Para o economista do banco Santander Cristiano Souza, ainda há uma série de pressões sobre a inflação, como alimentos e demanda

aquecida. Assim, estima que o IPCA, deste e do próximo ano, deverá ficar na casa de 6%, com base nos sinais emitidos pelo BC para a condução da política monetária.

**- A inflação somente voltará a convergir para o centro da meta em 2013 - afirmou Souza.**

O BC, no entanto, avalia que os preços continuarão elevados, com o IPCA girando perto de 6% até o terceiro trimestre deste ano. A partir daí, a inflação começa a perder força e volta a caminhar para o objetivo central de 4,5%. Isso porque a autoridade monetária entende que os efeitos das medidas já tomadas - que começaram em meados de 2010, com a alta acumulada de dois pontos percentuais da Selic - já estarão totalmente incorporados.

**Mercado espera expansão menor do país em 2012**

Ainda pela pesquisa Focus de ontem, o mercado projeta que o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB, soma de bens e serviços produzidos no país) este ano será de 4,10%, abaixo dos 4,29% vistos até então. E, pela primeira vez em 51 semanas, o mercado reduziu suas contas sobre a atividade econômica em 2012: passou de uma expansão de 4,50% para 4,45%.

Ontem, o presidente do BC, Alexandre Tombini, teve os encontros bimestrais com economistas, em São Paulo, e falou muito pouco. Ouviu cenários diversos, mas quase não se discutiu questões fiscais, segundo relatos de participantes. Alguns criticaram, mesmo que de forma velada, a posição do BC sobre a política monetária, de ajuste paulatino.



VEÍCULO PORTAL DA <b>AMAZÔNIA</b>	EDITORIA <b>AMAZONAS</b>	
TÍTULO <b>Amazonas registra crescimento de 13,8% do PIB em 2010</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

#### Portal Amazônia, com informações da Agecom

**MANAUS** - O Produto Interno Bruto (**PIB**) do Amazonas cresceu 13,8% em 2010, se comparado ao ano anterior. A informação é baseada em cálculo do Departamento de Estudos, Pesquisas e Informações (Depi) da Secretaria de Estado de Planejamento (Seplan). Conforme o indicador, o **PIB** amazonense representa em torno de 1,58% em relação ao do Brasil durante os últimos cinco anos.

A estimativa aponta que o Estado fechou o ano passado com **PIB** de R\$ 58,290 bilhões, acima dos R\$ 46,8 bilhões registrados em 2008, último resultado apurado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo o órgão, o setor de serviços apresentou o melhor desempenho na soma dos bens e serviços produzidos no Estado, correspondendo a uma fatia de R\$ 24,4 bilhões do total. A indústria ficou em segundo lugar e respondeu, no mesmo período, por R\$ 21,7 bilhões.

Para o chefe do Depi, Ézio Lacerda, o Amazonas colhe os frutos dos inúmeros incentivos fiscais concedidos às indústrias desde 2003, o que possibilitou resistência aos impactos da crise econômica de 2009.

Este ano, a estimativa é que o **PIB** amazonense atinga a marca de R\$ 64,5 bilhões, impulsionado pelos investimentos em infraestrutura, mobilidade urbana e hotelaria, entre outros, para a Copa do Mundo de 2014. A Seplan calcula ainda que em 2012 a soma chegue à R\$ 70,1 bilhões, seguido de R\$ 75,5 bilhões no ano seguinte; e R\$ 82,7 bilhões no ano da Copa.

Além do **PIB** estadual, a soma dos bens e serviços produzidos na capital amazonense também deve aumentar. "Estima-se, ainda, que o **PIB** de Manaus poderá ocupar a quarta posição no ranking entre as demais capitais brasileiras, ficando atrás apenas de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília", afirmou Ézio Lacerda.

	VEÍCULO PORTO GENTE		EDITORIA
	TÍTULO <b>Repartindo o bolo</b>		
	ORIGEM PRESS-RELEASE DA ASSESSORIA DE IMPRENSA	ENFOQUE POSITIVO	VEICULAÇÃO NACIONAL

A **Superintendência** da **Zona Franca** de **Manaus** (**Suframa**) garante que nos próximos anos a indústria naval no **Amazonas** poderá crescer para atender à indústria

petrolífera. O estado já conta quase 300 estaleiros de pequeno, médio e grande porte. Na orla de **Manaus** são cerca de 60 empreendimentos em funcionamento.

	VEÍCULO VALOR	EDITORIA	
	TÍTULO <b>As promessas da economia verde na <u>Amazônia</u></b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**Ricardo Abramovay | Para o Valor, de São Paulo**

**15/03/2011**

**"Gestão da Amazônia, Ações Empresariais, Políticas Públicas, Estudos e Propostas"**

**De Jacques Marcovitch. Editora Universidade de São Paulo (Edusp), 312 páginas, R\$ 48,00**

Pecuária, soja, energia e minérios: esses são os vetores estratégicos que norteiam a maioria dos atores privados e públicos na Amazônia brasileira. Os efeitos são bem conhecidos. Não se criam cadeias produtivas capazes de agregar valor ao que se faz localmente. A esmagadora maioria dos estímulos sinaliza aos agentes econômicos vantagens de um comportamento predatório que já comprometeu nada menos que 15% da maior área de floresta tropical do mundo e que está na raiz de sua imensa pobreza. Apenas 12% dos domicílios na Amazônia são beneficiados por saneamento básico. O próprio poder público contribui de maneira significativa para esse quadro desolador, não só pelo financiamento de iniciativas pouco inovadoras, como a pecuária, mas também pela implantação de obras que acabam resultando em pressão ainda maior sobre a floresta e pela generalização do trabalho mal pago e pouco qualificado. Dos 73 milhões de hectares derrubados na Amazônia, 60 milhões voltam-se hoje à pecuária.

A mudança nesse quadro desolador felizmente já começou. Os mercados de alguns dos produtos que dominam a ocupação da Amazônia submetem-se a pressões socioambientais crescentes, que conduzem, muitas vezes, à melhoria dos resultados de sua exploração, como no caso exemplar da moratória da soja. Ao mesmo tempo, o maior controle sobre o desmatamento bem como a ampliação de terras indígenas e de reservas florestais contribuem para atenuar, de forma significativa, o ritmo da destruição que marca, de forma trágica, a história da região até aqui.

Esses avanços, no entanto, não são suficientes para enfrentar o grande desafio do século XXI em torno do qual se encontra a possibilidade de construir nada menos que "um novo capitalismo jamais imaginado pelos visionários de ontem". É à análise desse processo incipiente que Jacques

Marcovitch, professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA), ex-reitor da Universidade de São Paulo (USP) e coordenador de um dos mais importantes estudos sobre aquecimento global no Brasil, a Economia do Clima, dedica seu novo livro: "A Gestão da Amazônia: Ações Empresariais, Políticas Públicas, Estudos e Propostas". Esse grande desafio do século XXI pode ser descrito em torno de três eixos básicos.

Em primeiro lugar, é necessário fazer da valorização dos produtos e dos serviços da biodiversidade uma fonte consistente de dinamismo econômico e de coesão social. Está em jogo a passagem da economia da destruição da natureza para um sistema inteiramente baseado em seu conhecimento, a economia da floresta em pé. Não se trata apenas de proteção, mas de encontrar modalidades de uso da floresta capazes, ao mesmo tempo, de garantir a manutenção de seus serviços ecossistêmicos e a geração de renda para os que, ainda hoje, têm sua existência precária, tantas vezes, baseada em práticas destrutivas.

Há, por exemplo, um imenso potencial nas dez mil espécies de uso medicinal ou cosmético e nas mais de 300 espécies de frutas silvestres até aqui catalogadas. Para que se tenha uma ideia do contraste entre os potenciais e o que se faz na prática, apenas três óleos essenciais (extraídos da copaíba, do cumaru e do pau-rosa) são hoje explorados comercialmente. Quanto à madeira, hoje quase inteiramente exportada, a indústria naval local e a construção civil em cidades médias poderiam ser beneficiadas por sua exploração. Mas, por incrível que pareça, não existe até hoje indústria madeireira na Amazônia.

Além de seus produtos, a floresta amazônica estoca uma quantidade de carbono equivalente a dez anos de emissões globais de combustíveis fósseis. Sem os chamados rios voadores (vapor d'água transportado por massas de ar com um volume maior que a vazão do rio Amazonas), o regime de chuvas em boa parte da América do Sul estaria seriamente ameaçado. Um dos maiores desafios do novo capitalismo a que se refere Jacques Marcovitch consiste exatamente em criar mercados capazes de valorizar não só produtos, mas também os inúmeros serviços ecossistêmicos que a floresta oferece à sociedade.

Mas essas oportunidades não verão a luz sem o segundo eixo de organização desse novo capitalismo: a ciência. Apenas 5% dos cientistas brasileiros estão na **Amazônia** e em condições de trabalho pouco estimulantes. Além disso, o vínculo entre a **produção** científica e as demandas empresariais é ainda mais precário que no restante do país. O resultado é um círculo vicioso em que uma estrutura econômica de matriz quase colonial acaba inibindo a presença de uma pesquisa à altura do desafio de conhecer sistemas naturais tão promissores.

O terceiro eixo refere-se à participação social. Parte do conhecimento atual sobre a **Amazônia** vem de um conjunto de organizações não governamentais que aliam estudos de boa qualidade com a valorização da participação social, não só nas políticas públicas, mas num pequeno empreendedorismo que poderá florescer com base em vínculos com grandes empresas. O novo capitalismo terá que enfrentar o desafio não só de reduzir a pobreza e a desigualdade, mas também de manter vivas as tradições culturais dos povos das florestas, entre os quais se encontram 700 mil índios falando mais de 200 línguas.

Essa ligação entre ciência, iniciativa privada e organizações sociais está no próprio livro de Jacques

Marcovitch. Ele elaborou um questionário que permite ao leitor conhecer as estratégias empresariais de dez companhias presentes na **Amazônia**, entre as quais Walmart, Natura e Vale do Rio Doce. Por outro lado, entrevistou também sete especialistas vindos do mundo universitário e associativo. O resultado é um dos mais ricos panoramas sobre o que fazem e querem fazer hoje alguns dos mais **importantes** protagonistas do destino da floresta amazônica brasileira.

Ninguém pode garantir que o novo capitalismo vislumbrado no livro de Jacques Marcovitch vai, de fato, tornar-se dominante. Mas não há dúvida de que sua construção tornou-se um item incontornável da agenda dos atores sociais da **Amazônia**, apesar da imensa e óbvia resistência que ele tem pela frente.

O livro "Gestão da **Amazônia**, Ações Empresariais, Políticas Públicas, Estudos e Propostas" será objeto de debate amanhã, às 11h30, na Sala da Congregação da FEA/USP, com a presença do autor e de especialistas no tema.

Ricardo Abramovay, professor titular do Departamento de Economia da FEA e do Instituto de Relações Internacionais da USP, é coordenador de seu Núcleo de Economia Socioambiental, pesquisador do CNPq e da Fapesp.

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO <b>BALANÇA COMERCIAL ACUMULA SUPERÁVIT DE US\$ 2,463 BILHÕES ATÉ MARÇO</b>		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

A balança comercial brasileira acumula superávit de US\$ 2,463 bilhões entre janeiro e a segunda semana de março deste ano, segundo dados divulgados ontem pelo **Ministério** da Indústria e **Comércio** Exterior. Nos 48 dias úteis de 2011, a corrente de **comércio** somou US\$ 74,385 bilhões: as **exportações** somam US\$ 38,424 bilhões e as **importações** chegam a US\$ 35,961 bilhões.